



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da C. G. T.
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Ed. telegr. Tofnoba — Lisboa — Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS RIQUESAS NACIONAIS

Se nos governassem criaturas inteligentes e sãs, não poluídas pelo vício da política que contaminam as altas classes; se os dirigentes não se preocupassem apenas de rogedoria e encarassem a sério o desenvolvimento económico do país, procurando a solução a tantos problemas dum interesse vital, outra seria a nossa situação.

Somos um povo miserável governado por medíocres numa ignorância crassa e numa inépcia assombrosa, sem talento nem iniciativa, sem vergonha nem carácter. Eles vivem *qu'jour le jour* satisfazendo apenas a óca vaidade de insignificantes ou nulos, sem se comprometerem jamais de que a missão de quem governa não é assinar o expediente de secretaria nem desbaratar os dinheiros públicos como al estão fazendo numa inconsciência que brada aos céus, — mas promover o progresso moral e material da colectividade.

Cada situação política, cada etapa na sucessão governamental vem sempre acompanhada por promessas formais de vida nova e um programa de realizações que de antemão se sabe não passaram de simples miragem espectacular, que aliás já a ninguém ilude. De facto, o tamanho do descrédito que quase chega a ser deprimido exercer cargos políticos. E desta repulsa pelas mais altas e nobres funções cívicas participam as competências técnicas, os reais valores sociais, a tal ponto que ser político nesta terra é para os honestos e dignos um sintoma de nulidade quando não falta de carácter.

O capitalismo, que faz concentrações enormes de riqueza à custa duma iniqua exploração do trabalho, nem salda ao menos um pouco do seu passivo ignominioso com objectivos sociais no interesse colectivo. As gerações que sucedem ao regime capitalista-burguês encontram tudo por fazer. Não há estradas, caminhos de ferro, canais navegáveis; não há indústria nem exploração agrícola para as necessidades da população. Espetáculo se o nada mais. E' o sistema antigo, o sistema de sempre, que vem dos tempos da Índia e do Brasil: criar riquezas fictícias por moralíssimos processos deixando improdutivo e inexplorado os recursos naturais do solo, única base sólida duma possível regeneração da nacionalidade.

Estes problemas interessam-nos muito mais do que os políticos subem. Que nós guercemos as inteligências e repelimos os técnicos! Alevisia no caso. O que nós não toleramos é o intelectualismo

AS 8 HORAS NO CONGRESSO DE LIÃO

LÁ COMO CÁ...

No Congresso de Lião discutiu-se a questão da legislação operária e particularmente a concessão legal das 8 horas de trabalho, que o patronato, lá como cá, procura anular ou impedir na prática.

A este propósito, o Congresso da C. G. T. francesa adopta unanimemente a seguinte resolução:

«O Congresso regista, com coroamento dos esforços operários, a legislação em obtdida sobre o dia de oito horas de trabalho.

«Mas consigna que, apenas inscrita no código do trabalho esta lei, os poderes encarregados de garantir o respeito da mesma cedem ás pressões da reacção e ás birras do patronato, cego de conservantismo social, e retardam a aplicação.

«Em 1930 o Congresso põe os trabalhadores de sobreaviso contra a campanha de mentira, por meio da qual se procura arrebatá-los o benefício da reforma.

«Desmente formalmente as afirmações inexactas que tendem a fazer crer que não é observado na Alemanha o dia de 8 horas de trabalho.

«Convida as organizações a uma acção rápida e enérgica no sentido de obterem que as disposições da lei se apliquem em proveito das profissões e das respectivamente representadas e que se publiquem quanto antes, sem abatar o direito omisso, os regulamentos administrativos que devem impedir a observância e assegurar a fiscalização da mesma lei, segundo modalidades adequadas á técnica da produção.

«Protesta com energia contra a teoria difundida dias atrás pelo ministro do trabalho, segundo a qual os regula-

C. G. T.

Comité Confederal

Na sua reunião de ontem este Comité, depois de dar despacho a vários expedientes, e entre o mesmo alguns convites para representação da C. G. T. em várias sessões de Associações de Lisboa, resolveu notificar aos organismos locais que esses convites devem apenas ser feitos á U. S. O. local, visto tais representações não estarem á cárcer da C. G. T. tanto mais que, se por um lado o número de componentes deste Comité é reduzido, por outro, e que é o mais importante, todo o tempo lhes é necessário para o desempenho das funções que lhe são próprias.

Estão já á «*impressão*» o estatuto confederal á fim de ser o mais breve possível enviado aos sindicatos, assim como a respectiva circular.

O Comité Confederal notifica a todos os seus membros á extinção U. O. N. de que devem liquidar a sua cotização do mês de Setembro, pois a cotização confederal tem início a contar do dia 1 de Outubro. Esta cotização (2500 de admissão á C. G. T.; 10 centavos por cada sindicato aderente ás Unões Locais + 2 centavos por cada associado) deve ser enviada até 31 de Dezembro directamente á C. G. T., passando á mesma cotização, do dia 1 de Janeiro em diante, a ser paga por consulta das Unões e Federações, pois será dessa data em diante que entrarão em uso os selos: caderneta confederal.

O Comité quererá mandar fazer todos os clichés do label confederal que são necessários para os sindicatos. Para tomar tal decisão, porém, apesar de trazer grande economia para a organização, só a poderá tomar se os sindicatos enviarem desde já a sua cota de adesão assim como o correspondente a este mês para que haja possibilidade de se poder imprimir a quantidade necessária, ficando o cliché mais barato a cada associação.

Que os membros do estatuto na devida conta e resolvam em conformidade, visto todo o interesse ser dos mesmos.

O Comité resolveu mais distribuir juntamente com o modelo das cadernetas confederals, um verbete-modelo destinado a facilitar a descarga por parte dos respectivos cobradores aos sindicatos.

Notas e Comentários

Como as aprecia «O Combate»

Apreciando as Notas e Comentários, agora publicadas em volume, da autoria do nosso colega de redacção Perfeito de Carvalho, diz o jornal socialista O Combate:

Um dos maiores prazeres do nosso espírito tivemos-o ontem, quando vimos aparecer, sobre a nossa mesa de trabalho, o livro Notas e Comentários do nosso amigo e colega Perfeito de Carvalho — repertório seleccionado das notas que, sob o mesmo título, publicou na Batalha durante seis meses.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, é patente a possibilidade de voltar a ler essas pequenas joias literárias que são as Notas e Comentários, quadros de fina observação traçados por mão de mestre, juízos íronicos que castigam sorrindo e conceitos acerados que sangram e comovem os vícios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, vernáculo, que é um segredo de Perfeito de Carvalho, e que é de maneja com facilidade e com facilidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sua filosofia; que se deleitam com a ironia levemente mordaz da fina graça lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das potências sociais, devem adquirir as Notas e Comentários, porque elas tem muito do pouco que, noutros países e no nosso, constitui a glória e a fortuna de muitos escritores.

Aos editores do livro agradecemos a oferta do exemplar que nos enviaram e o ensinamento que nos proporcionaram, de prestar um homenagem justa e merecida a Perfeito de Carvalho, se bem que molesta e impertinente para a sua injustificada modestia.

A insubordinação de Toulon

Condenações de alguns dos insurrectos

PARIS, 6. — O conselho de guerra marítimo de Toulon, julgando os promotores da sublevação da esquadra, condenou quatro marinheiros a um ano de prisão, cinco a dois anos, dois a três, um a quatro, um a cinco, dois a seis, e o principal culpado a oito anos de presidio. Dois contramestres e dois marinheiros foram absolvidos.

A questão de Fiume

Manifestações pró o contra d'Annunzio no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 5. — Realizou-se nesta capital uma grandiosa manifestação composta de mais de 10.000 italianos que percorreram a avenida do Rio Branco, agitando bandeiras italianas e brasileiras, entoando hinos patrióticos e aclamando d'Annunzio e o Fiume. Pertto do largo da Carioca deu-se um pequeno incidente por um grupo de estrangeiros ter soltado morras a d'Annunzio e vivas á Servia.

A Casa dos Trabalhadores é uma aspiração pela qual todos os prolários devem interessar-se.

NOTAS E IMPRESSÕES

A ELEIÇÃO

A atmosfera docemente teatral e inicialmente calinográfica que habitualmente se respira em São Bento teve no passado domingo uma variante agradável com a presença de tantos rostos gentis, tantos trajos vistosos, tantos loggions assestados sobre o palco de tantas lutas, ordinariamente frio e quieto friamente ordinário das sessões de todos os dias. Os congressistas desse extraordinário congresso, que não é talvez o único grotescamente estéril do nosso país, apresentaram-se nessa manhã com o frack da ordem, abandonando a desordem dos seus irrequietos gestos e maneiras para dar lugar á alegria mais espontânea e irremediavelmente lógica, no exterior, está visto, pois quanto aos pensamentos secretos de cada um, dou o prego da consulta e ainda por cima um doce a qualquer madame Brouillard que queira meter ombros a essa tarefa, e que dela se sáia com êxito. Risonhos, de satisfação uns, outros amarelos como o desespero, apertos de mão efusivos, de esmagar os dedos e consolar a alma, palmadinhas nas costas, de tanta intimidade como hipocrisia, colóquios a meia voz, diálogos — oh! os diálogos, quem pudera registá-los! — de desdão, de inveja, de ódio, como tudo aquilo seria bizarro se eu pudesse estar dentro dum ouvido de Dionísio, escutando! Emfim, é preciso a gente contentar-se com o que tem, e naquele momento o único indicio que eu possuía eram os rostos dos impenetráveis pais da pátria, tam costumados a fingir diplomáticamente e a mentir com tal descaro que ali chegava a parecer que pertencem a um sapateiro, ao sábado, quando o trabalho aperta e não há remédio senão fallar. Eles não diziam nada. Sorriam. E o sorriso tanto pode ser faceto como contudente, falso como espontâneo.

De resto ficava-lhes bem aquela atitude grave e austera, assestavam-lhes como uma luva aqueles modos rígidos e automáticos, encartoladamente severos e majestosos. De todas as sessões da temporada de verão, que já terminou, foi esta sem dúvida a mais profícua e útil.

Nem uma palavra os senhores congressistas pronunciaram, a não ser para dar vivas, e á aqui que está todo o mérito da matinee de domingo. Nem

Antero de LIMA.

AS CAUSAS DA CARESTIA DA VIDA

A carestia da vida existiu sempre, em regime capitalista, para os salarizados, é um mal inerente ao sistema de produção e que só com elle morrerá.

Mas veio agravar-lhe extraordinariamente, provocando uma das mais espatifadas crises económicas da história, um outro produto da organização burguesa — a guerra, esse fruto das rivalidades imperialistas, que tem como principal motor a necessidade de garantir no exterior a colocação do excedente de produtos e a aplicação do excedente de forças produtoras, pois esses excedentes, que em geral o não são de facto, fariam baixar os preços e o lucro capitalista, se antes de mais nada fossem empregados no interior para satisfazer todas as necessidades reais da população, isto é, para destruir a carestia.

Durante cerca de cinco anos, a guerra tudo sacrificou á vitória de um dos imperialismos em luta, á vitória que ao vencedor permitisse dispor livremente do mundo. Vidas juvenis, forças produtivas, meios de transporte, produtos, tudo foi tragado ás montanhas por esse abismo sem fundo. Por todo aquele tempo, foi preciso alimentar, vestir, calçar, alojar, armar, municiar — e tudo mais largamente do que na vida civil — muitas dezenas de milhões de homens em pleno vigor da idade, que nada produziam. Todos os meios de produção e de transporte foram por assim dizer aplicados a essa tarefa absorvente. A burocracia civil e militar, com a sua proverbial inércia, o seu criminoso desprezo pelo fruto do trabalho e pelo interesse público, aumentou ainda o enorme desperdício.

Ante a situação pavorosa criada pela guerra entre imperialismos rivais, o sistema estatal-capitalista revela toda a sua impotência, tanto mais que os novos ricos, os especuladores, os assambradores, todos os que prosperaram com o adubo do sangue, tem agora muito pouca pressa de sair dum estado de coisas em que tantas riquezas se pesam.

Mas por isso mesmo, os interessados na conservação do regime e dos lucros de guerra, como o gatuño que, para escapar, grita mais do que ninguém: «Agarrar agarrar ladrão!», acharam um bode expiatório, uma desculpa, que seria infantil, se não fosse velhaca e miserável: o grevista! São as greves a causa da vida cara! São as descaradas exigências do operário — menos horas e mais dinheiro — a razão por que tardamos em sair deste atoleiro!

Basta lançar os olhos a uma enumeração dos factores do encarecimento da

discursos inflamadamente políticos, nem ataques terríficos aos agitadores, nem aplausos aos exploradores da fome pública, nem projectos de lei sobre assuntos que eles todos desconhecem, nem retórica balofa, nem ápartes jocosos, nem apoiados, nem votações, nem aprovações, nem rejeições — nada. A sessão de cinco de Outubro foi, pois, sob o ponto de vista do fiasco, a mais proveitosa de quantas nesta época se realizaram. Nem sequer asneiras se disseram, o que é a coisa mais fenomenal que se pode registar num boletim parlamentar. O presidente foi eleito e, depois de ter jurado pela sua honra o que é de uso jurar-se em ocasiões semelhantes — coisa que em nove anos de república quasi outros tantos presidentes tem feito, após igual número de revoluções de cem mortos para cima — len, para quem o quiz ouvir, a sua alocução, escutada entre um tumular silêncio. A voz do tribuno a que todas as gazetas do tempo da propaganda, isto é, do tempo da água-rara e do archote, chamavam fogoso, retiniva, vibrava com o calor e a energia que os anos não quebrantaram ainda; e ele, ao pronunciar a palavra pátria, acentuava exageradamente o a da primeira sílaba, com aquela ênfase e aquela emoção tri-bunicia, comunicativa e contagiosa, que fizeram dele, noutro tempo, é claro, um grande orador, querido das massas, que sempre gostaram mais de palavras do que de obras. A república, na sua boca parecia escrita com óleo e r. E, a esta habilidade de declamação, a esta arte de empolgar os ouvintes, deveu o novo presidente a ovação colossal que ouviu no final do seu discurso. Propõe-se ele, mais uma vez e como tantos outros antes dele, pacificar a família portuguesa. Mau sintoma. Sinal, certo, aliás, de que os portugueses continuam a não se entender. E estou em acreditar que nunca mais se entenderão, porque a verborreia é pecha que os não larga, nem á quinta facada, com exclusão deste vosso amigo, que é incapaz de carrear seis palavras diante douradas tantas pessoas.

E lá diz o rifão que quem muito fala pouco acerta. E tem razão. Deixemos de paleio. Obrar, obrar é que é preciso.

Antero de LIMA.

AS CAUSAS DA CARESTIA DA VIDA

Na produção: — Alta do lucro patronal, sob as suas diversas formas — Alta dos salários.

Nos capitais: — Elevação da taxa de juro — Aumento da circulação fiduciária.

No comércio: — Multiplicação dos intermediários e retalhistas — Aumento das suas pretensões — Paralisação dos transportes — Especulação e assambarcamento.

Importação: — Exageração dos preços dos produtos importados — Direitos aduaneiros.

Estado: — Aumento dos impostos — Má administração, desperdício, lentidões burocráticas.

O factor «alta dos salários» perde-se modestamente no meio de tantos e tam consideráveis colegas.

Pensemos na prosperidade assombrosa das grandes empresas durante esta fecunda carestia, nos inúmeros «novos ricos», nos pingues dividendo repartidos. Pensemos na aluvião de papel-moeda que tudo invadiu. Pensemos nos intermediários que, nesta venturosa época, pulularam como cogumelos em tempo chuvoso. Pensemos nas facanhas bem conhecidas dos especuladores e dos assambarcadores, sonhando ou deixando deteriorar-se massas enormes de produtos, afim de forçar a alta. Pensemos, quanto aos produtos importados, nas riquezas acumuladas nos países que se pularam com a guerra, como os Estados Unidos, onde cresceu de modo rápido e extraordinário o número dos arquimilionários. Pensemos, enfim, quanto ao desperdício burocrático, nos monumentais escândalos dos stocks norte-americanos, em França, e do ministério dos abastecimentos, em Portugal, dois exemplos entre muitos.

Que pesa no meio de tudo isso a elevação do preço da mão de obra? Quando o muito, é não um motivo, mas um pretexto para novo encarecimento da vida.

Na Albânia

Os albaneses revoltam-se contra os gregos e os servios

ROMA, 4. — Um telegrama chegado de Scutari diz que os albaneses se revoltaram contra os gregos e os servios. Os últimos devastaram completamente a Albânia Setentrional.

AVENDA: NOTAS E COMENTÁRIOS por PERFEITO DE CARVALHO

Sindicalização obrigatória

Uma resposta do sr. João Camoesas

Continuamos hoje a publicação da resposta que nos foi enviada pelo dr. João Camoesas, justificando o projecto de lei sobre sindicalização obrigatória. Pontos de vista, cada um tem os seus. Os do sr. Camoesas cremos que poderão ser rebatidos facilmente. Aguardemos, todavia, que ele conclua a sua exposição.

O estabelecimento da personalidade jurídica dos sindicatos, satisfazendo uma reivindicação operária, não constitui de modo algum uma armadilha.

No desfiar das suas considerações o sr. M. J. de Sousa manifesta sempre a desconfiança derivada da sua atitude de espírito e que o leva tam longe da questão que chega a colocá-lo em conflito com a própria realidade. Negra, por exemplo, que o reconhecimento da personalidade jurídica dos sindicatos, seja uma velha reivindicação, embora reconheça que «tem havido, efectivamente, numa ou noutra localidade do país, páfidas manifestações verbais de indivíduos ou de sindicato, nesse sentido, todavia sem repercussão, sem o caracter de generalidade duma reivindicação sentida e por todos desejada». Nem tem, contudo, essas manifestações sido tam páfidas e tam verbais que o seu próprio contraditor não diga, logo a seguir, que sem certos conflitos entre operários e patrões, se ouve a manifestação de um ou doutro sindicato de que as associações deveriam ter personalidade jurídica... No n.º 8 da Batalha, salvo erro, que estou citando de memória, lêvem em fundo que logo desde o congresso de Tomar, a questão do reconhecimento da U. O. N. foi considerada e posta. Escuso, porém, de esforçar-me na procura de mais factos corroborativos da minha afirmação. O sr. M. J. de Sousa satisfaz-se observando que me engano e aplica mal a frase quando fala em velha reivindicação. Não tenho a pretensão de infalibilidade, por isso, lhe não aguarrei a satisfação, tanto mais que o principal, para o sr. M. J. de Sousa, são as consequências que a aplicação do principio, em seu entender, comporta. E vem a ser que o estabelecimento da personalidade jurídica fará o enriquecimento dos homens de ficção a cuja gula, sempre insatisfeita, ficarão franqueados os cofres dos sindicatos.

A opinião do meu contraditor resulta do seu critério acerca da lei que considera sempre um instrumento de espoliação dos operários. Não lucraremos nada com a discussão deste ponto, visto que cada um de nós tem critérios inteiramente opostos de que naturalmente não abdicar. Acerca das despesas ocasionadas pela aplicação deste preceito jurídico ás Trade Unions inglesas, sempre direi, no entanto, que nem por isso os seus cofres estão vazios, em plena miséria, como a argumentação do sr. M. J. de Sousa poderá fazer crer. Depois, se dispuzermos de elementos para confrontar a despesa das causas perdidas com as das greves sem êxito, verificaríamos, com certeza, que estas também representam grossas quantias e nem por isso o sr. Sousa as condena.

Finalmente, se esta medida fosse, na verdade, uma armadilha para manietar os sindicatos operários, não se compreendia a resistência que por toda a parte lhe tem oposto os inimigos da sua organização.

Tudo isto me permite concluir logicamente que o estabelecimento da personalidade jurídica dos sindicatos, satisfazendo uma reivindicação operária, não constitui de modo algum uma armadilha.

Ainda neste capítulo o sr. M. J. de Sousa fulmina o contrato colectivo de trabalho, dando-lhe o aspecto de algozmas da classe trabalhadora. Não quero prolongar a discussão nem o necessário, porque na própria Batalha, numa entrevista com um dos dirigentes do sindicato da Construção Civil se propalou como uma vitória o facto desse sindicato estar efectuando obras de sua conta e apto a efectuar outras mais importantes. Aqui está o tipo de contrato colectivo que tem a minha preferência e que á prática até entre nós sancionou como uma melhoria, ao contrário exactamente das previsões do sr. M. J. de Sousa.

«O seguro tem todos as características dum direito, diferindo, absolutamente, das panaceias caritativas».

João CAMOESAS.

NA FRANÇA

Para que aumente a natalidade

PARIS, 6. — O congresso de natalidade decidiu lançar um apelo á todas as forças do país, especialmente ás de ordem moral e religiosa, assim como a todas as classes, a fim de se realizar a obra de que depende o futuro da França. Também reclamou com energia o auxilio dos poderes públicos para a campanha a realizar contra o vicio, o aborto, a pornografia e o alcoolismo. Tomou varias deliberações tendentes a serem favorecidas as famílias numerosas, sob o ponto de vista do serviço militar.

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO. — Rua da Sé, 87.

Na Rússia dos Soviéticos

A CAUSA DAS DIFICULDADES ECONÓMICAS — O BLOQUEIO

O tolstoiano Birukov, que não é bolchevista, tem sobre este assunto uma opinião interessante. Sobre o que ele viu, decorreu, aliás, já mais de meio ano.

«Há muito tempo, diz ele, que, na sua grande maioria, a corporação médica se reconciliou com o governo bolchevique.

O trabalho, desgrazadamente, não lhe falta. Numerosas epidemias fizeram grandes estragos. São atribuídas às condições actuais de vida. O asseio tornou-se um luxo. O sabão e a roupa branca acabaram em breve por desaparecer de todo, se há de durar o bloqueio que mata a Rússia. A gente do povo tinha o costume de tomar ao menos um banho por semana, ao sábado, mas em virtude da falta de carvão, um banho, que antes da guerra custava cinco copecks, custa hoje três rublos ou mais. O governo procurou obter um sabão sem gordura, com base de areia, mas fracassou em face da penúria de matérias primas.

«Enquanto não for levantado o bloqueio pela Entente, terá o povo russo que suportar toda a casta de privações.

Os portos do norte e do sul estão bloqueados pelas esquadras dos aliados: as minas de carvão e de petróleo estão nas mãos dos ingleses e de aventureiros como Koltchak e Denikine, que a Entente arma contra a Rússia. Quasi todas as dificuldades materiais que o povo russo tem hoje a vencer tem como causa única a política coercitiva dos países que pretendem representar a civilização ocidental. O exército vermelho é obra da Entente. Por várias vezes se declarou o governo bolchevique antiliberista. O povo russo, tão pacífico detesta a guerra hoje como ontem, como sempre.

Resiste pertinazmente ao alistamento. No exército vermelho há tantos desertores como os havia no exército do tsar, e até sucede às vezes não chegar um regimento às etapas marcadas, por se terem dispersado pelo caminho os seus homens.»

E mais adiante, Birukov insiste: «E' para a Rússia uma grande des-

graça o ver-se obrigada ainda a sustentar uma guerra. A nova mobilização, proclamada em todo o país, é muito impopular.

Os Soviéticos querem defender a Rússia comunista contra os ataques dos Aliados. Os soldados são medíocres combatentes e facilmente se rendem; mas sucede o mesmo da parte contrária, onde não há vontade nenhuma de guerrear. A fraternização é frequente nas diversas frentes, sendo provocada pela propaganda pacifista e comunista.

«E' com efeito o bloqueio pela Entente que dificulta enormemente a reorganização da Rússia.

«O serviço ferroviário, sobretudo, é embaraçado pelo mau estado das linhas férreas, não se podendo substituir, nem sequer reparar as locomotivas e vagões deteriorados por um uso prolongado. A administração dos caminhos de ferro, por causa do bloqueio, vê-se impossibilitada de adquirir peças novas. Pelo mesmo motivo, faltam as gorduras e óleos, tão necessários às máquinas.

«Mesmo nas fábricas mais bem aparelhadas, lê-se na já citada carta de Estocolmo ao Economist, — veio a produção diminuindo fortemente, pois os operários padecem fome crónica.»

Um inspector dos Soviéticos, após uma visita à Xaragova-Okhota, nota que «os operários recordam aquelas fotografias de camponeses esmoreados pela carestia desde Ufa a Samara, que se viam no período de 1890 a 1899.»

Por isso, o serviço não consegue retomar o seu regular funcionamento, porque as fábricas de vagões e de locomotivas e os estabelecimentos para reparações dão um rendimento exiguo. Isto depende, escreve Arsky na *Isvestia*, da imprópria produção individual, devida ao facto de não conseguirem os operários, por fraqueza, manejar a ferramenta nem dirigir as máquinas.

Prevê ele que o decreto de 24 de Fevereiro, que oferece prémios pela produção superior ao mínimo, há-de dar algum resultado, mas o jornal *Vesnyá V period* comenta que «os prémios em dinheiro podem curar a indolência, mas só os prémios pagos em alimentos curarão o esgotamento físico.»

ECOS DO CONGRESSO DE LIÃO

A moção dos extremistas

O 14.º Congresso confederal, tendo que examinar o procedimento e acção da Confederação Geral do Trabalho desde 2 de Agosto de 1914;

Lembra que as guerras, e em particular a que acaba de se dar entre os povos de muitas nações, são resultado das rivalidades capitalistas para conquista do mercado mundial;

Consigna que, nesta guerra, a C. G. T., com as suas diversas manifestações ao lado do governo, praticou uma política de abdicção e de compromisso com os dirigentes burgueses;

Que, com esta maneira de proceder, deixou-se a C. G. T. prender à obra de guerra cujas responsabilidades ela compartilha;

Que, por esse motivo, ela não pôde agir com a independência e vigor suficientes, contra uma paz de injustiça e de violência que, sem apaziguar os ódios existentes, já suscita outros novos e torna fatais próximas guerras;

Que ela não impôs tampouco aos governantes uma amnistia total e o restabelecimento das liberdades públicas;

Por essas razões, o Congresso censura a atitude e a acção da Comissão Confederal durante a guerra.

O Congresso condena também a política de colaboração das classes inaugurada pela Comissão Confederal, e cujas manifestações actuais são apenas o prolongamento da mesma política de colaboração praticada durante a guerra com o governo capitalista.

Considera que não são as negociações inevitáveis entre patrões e operários que constituem actos de colaboração, mas sim a participação, em organismos permanentes, no estudo em comum «entre os representantes operários e os da classe burguesa» dos problemas económicos cuja solução só se pode prolongar a existência do regime actual. Recordando com energia os princípios essenciais do sindicalismo francês enunciado na Carta de Amiens, o Congresso proclama de novo a inelutável necessidade da luta das classes com a sua conclusão lógica: a supressão do salariato.

Afirmam que se precisa assim:

«Na acção reivindicadora cotidiana, o sindicalismo tem em vista: a coordenação dos esforços operários; o aumento do bem-estar dos trabalhadores pela realização de melhoras imediatas, tais como: a redução das horas de trabalho, a elevação de salário, etc., etc.

«Mas, esta tarefa é apenas uma parte da obra do sindicalismo: ele prepara a emancipação integral dos trabalhadores, que só pela expropriação capitalista se pode realizar; ele preconiza como meio de acção a greve geral, e considera que o sindicato, hoje agrupamento de resistência, será no futuro o grupo de produção e de repartição, base de reorganização social.»

A greve geral revolucionária pode ser resultado de greves parciais que se estendem, se comunicam sucessivamente, ou de outros acontecimentos inesperados que é preciso saber agarrar resolutamente.

Com as ideias de emancipação e a situação revolucionária criada pela guerra, não é admissível nenhuma hesitação, nenhuma tergiversação, nenhuma atitude passiva, nenhum oportunismo.

Toda a energia revolucionária que dispõe o proletariado, todas as suas forças vivas devem ser transformadas em actos.

O Congresso, registando a vontade manifesta dos governos de esmagarem as revoluções operárias onde quer que elas estejam, censura a C. G. T. por ter faltado à palavra dada ao povo de Inglaterra e Itália, recusando ante a execução do acto que podia salvar a república húngara, e declara que esta fraqueza é mais uma consequência da

política seguida desde 1914 pela Comissão Confederal.

Indignado com o cinismo dos pretensos cavaleiros do direito e da justiça que do proletariado francês fazem o gendarme internacional e o estrangulador da liberdade, o Congresso, respondendo ao apelo do conselho central dos sindicatos da Rússia, declara que é no desabrochar da revolução russa e na sua extensão a todos os países que residem as esperanças de todo o proletariado martirizado e esgotado por cinco anos de uma guerra de extermínio sem precedentes.

Ele brada ao povo russo: Coragem, camaradas! Os golpes vibrados na vossa liberdade atingem-nos como se fossem desferidos sobre nós próprios. Convosco clamamos, camaradas: «A acção, trabalhadores do mundo inteiro, contra todos os bandos imperialistas, pela revolução operária mundial!»

Viva a República internacional dos Soviéticos!

NOTA.—No Congresso de Lião, votou-se primeiro sobre o «relatório moral» apresentado pelos corpos gerentes, cuja acção insuficiente fora censurada pela minoria extremista.

Como já vimos, apesar das explicações dadas sobre a acção passada, os protestos de fe revolução e as garantias de acção futura, da parte da maioria, a minoria conseguiu ainda um terço dos votos expressos.

Depois, foi submetida à votação a moção Jouhaux, da maioria, que surpreendeu a minoria pelas suas afirmações revolucionárias e levou muito dos seus membros a votarem nela.

Aprovada assim essa moção, a da minoria, acima reproduzida, ficou prejudicada, não chegando a incidir sobre ela a votação do Congresso.

Gonçalves Viana

Efectuou-se ontem a transplantação dos seus restos mortais

No cemitério de Bemfica realizou-se ontem, a trasladação da ossada de Gonçalves Viana, que ocupava o coval n.º 2.521 do talhão C, para o ossário municipal do mesmo cemitério. Às 13 horas começou a exumação dos restos mortais do ilustre homem de ciência, que terminou pouco depois das 14, sendo encerrados os ossos, depois de limpos, numa pequena urna de mogno, que ficou depositada no compartimento n.º 128.

Assistiram ao acto, entre outras pessoas, os srs. dr. David Lopes, professor da Faculdade de Letras de Lisboa; Monteiro Aillaud, proprietário da livraria Bertrand; dr. António Barradas e dr. Luís Filipe da Cruz e Costa, professor americano, descendente de portugueses, que era, ao mesmo tempo um grande admirador de Gonçalves Viana. Não pôde comparecer o sr. Armando Luís Rodrigues, o benemérito admirador de Gonçalves Viana, que espontaneamente se ofereceu para custear todas as despesas da trasladação, por estar ausente.

No seu regresso, trasladar-se há para jazir próprio no cemitério do Alto de S. João, a urna que contém os restos mortais de Gonçalves Viana. Junto do coval assistiu, desde o princípio à exumação, uma senhora de idade, de nome Augusta da Silva, que foi costureira em casa do eminente glotólogo.

Em tempo de eleições, por E. Malatesta Preço 2 centavos

Leiam todos — Um folheto de boa propaganda

THEATRO SÃO LUIZ

A maravilhosa e alegre revista
O PÉ DE MEIA
O Couceiro, na Galiza,
Prepara nova incursão:
Vir a Lisboa precisa!
Teima, faz disso questão:
Encasquetou-se-lhe a ideia
De vir ver o Pé de Meia!

O valor revolucionário do cooperativismo

A questão do cooperativismo, que já a redacção da Batalha tratou e de que o nosso amigo Gonçalves Correia se ocupava num dos seus últimos números deste orna, levou o sr. Armando Massano a enviar-nos a carta a que abaixo damos publicidade. Esta publicação não significa uma inteira concordância da nossa parte com todas as opiniões expostas pelo sinátrio do documento transcrito a seguir, acontecendo até que algumas das suas conclusões pessimistas estão em desacordo diametral com o que, a respeito do assunto, pensamos nós. A carta que recebemos é, porém, correcta em todos os seus pontos, e entendemos nós que não é lícito pôr entraves à exposição de um parecer relativo a uma questão onde interesses operários, e dos mais caros, estão em jogo. Eis, portanto, a carta do sr. Massano:

Vejo com satisfação que a Batalha está dando acolhimento às ideias cooperativistas, e como são elas que hoje principalmente me entusiasma, farto das trações que vi desenvolver no meio associativo da minha ex-classe — a ferroviária — venho ocupar um cantinho no porta-voz da organização operária para defender o cooperativismo e concorrer para a demonstração do seu alto valor revolucionário e económico, embora muita gente boa lhe negue a primeira das qualidades.

Se a Batalha me acolher, voltarei, e numa série de artigos discretos sobre cooperativismo, até demonstrar todo o partido que desses organismos se pode tirar, quando os aplicarmos à sociedade capitalista em guisa de bomba aspirante e os utilizarmos como meio de ensaio da organização do trabalho livre.

O cooperativismo tem estado abandonado a si próprio. Verdaderamente nem mesmo no estrangeiro se tem estudado a sua filosofia revolucionária, do que tem resultado o seu estagnamento e, quasi por assim dizer, a sua falência; consequência directa do seu aburguesamento, que não tem, aliás, sido marcado pelas próprias exigências das leis, mas quasi absolutamente pelos seus continuadores, o que de certo modo vem demonstrar esta dura verdade: as revoltas contra o capitalismo não derivam absolutamente de um sentimento de justiça e humanidade das massas, mas principalmente da circunstância dos revoltados não serem capitalistas... E é assim que, infelizmente, nós temos visto os mais ardentes propagandistas mudarem-se nos piores dos carrascos, e o acaso os transforma em patrões ou capitalistas.

O cooperativismo tem também sido abandonado pelos elementos que se lhe revolucionária, por uma tendência maior humana: o desejo de alcançar popularidade, a embriaguez dos aplausos. O cooperativismo não tem *mis-en-scène*, não tem tabladão, não tem nada por meio do qual se possa trepar, quer na vida, quer na escala da popularidade. Aquele que se dedica ao cooperativismo, ha-de ser sempre um desconhecido que ninguém aplaude. Trabalhar numa cooperativa é tão inglorio para a vaidade humana como é inglorio um rasgo de louco heroísmo sem testemunhas para o contar.

Mas extamente porque os mais fagoceros elementos não dispensam o tabladão, é que mais cedo se devia ter começado a discutir o cooperativismo sob o ponto de vista revolucionário, tornando-o tronco de empreendimentos de maior folgo e finalidade revolucionária, fazendo-o dispôr assim de todos os meios de atracção, que podem servir à obra cooperativista, à obra mãe, o espírito, a palavra ardente e sugestiva dos tribunos que... passamos.

Tem que ter as cooperativas uma organização diferente, mas também não estou de acordo com a opinião do camarada Gonçalves Correia, no que respeita a cooperativas de consumo. Salvo melhor opinião, parece-me que aquela aplicação de receitas não deve ser feita pelas cooperativas de consumo, que eu desejaria tornar extensivas a todos, começando por acabar com a aristocracia das cooperativas por classes.

As cooperativas de consumo devem ser no futuro organismo distribuidores da produção, por isso deve deliciar-se integrar nelas o maior número. E enquanto elas não absorverem a grande maioria do comércio — essa colossal fonte de riqueza! — os seus esforços, «todos os seus lucros», deverão ser aplicados exactamente à absorção dessa riqueza, que só no momento próprio, que é o ocioso pretender fixar antecipadamente, se concentrará com as cooperativas de produção modificando a estrutura da sociedade sem lutas sangrentas, porque as forças, Trabalho e Capital, estarão concentrados nas mesmas mãos.

Os lucros das cooperativas de produção além do indispensável ao progresso constante da indústria explorada, que devem ser aplicados às redacções dos jornais revolucionários, aos centros de estudos sociais, aos grupos de defesa comunista e aos perseguidos pela sanha capitalista, etc., como pretende o camarada Gonçalves Correia ver aplicados os lucros das cooperativas de consumo.

Os lucros das cooperativas de consumo, além da aplicação quasi integral no seu próprio desenvolvimento, deverão mas é ser aplicados em auxiliar, como seu necessário complemento, as cooperativas de produção, que por si só representam a revolução em marcha.

Armando MASSANO.

Grupo de Solidariedade Operária de Sacavem

Reñiu em assembleia geral para apreciar as perseguições que o actual governo democrático no nome, está fazendo à classe operária e especialmente às Juventudes Sindicalistas, resolvendo associar-se a qualquer protesto prático que se leve a efeito para a libertação desses jovens e contribuir com 10000 para os presos por questões sociais, a entregar a Comissão pró-presos.

O professorado primário em França

Os professores primários franceses tinham duas espécies de organização: os sindicatos, aderentes à C. G. T. e por sinal representados no Congresso de Lião por extremistas, como Monatte e Bouët, até último secretário da Federação do Ensino; e as «Amicales», as associações de amigos, de espírito corporativo, sem ligação com quaisquer outras corporações.

Pois estas últimas, no seu recente congresso, reunido em Paris em 24 de Setembro, — no qual se achavam representados 110.000 federados, — resolveram transformar-se em sindicatos e aderir à Confederação Geral do Trabalho, apesar da oposição de alguns elementos rotineiros ou retardatários.

Foi Olay, conhecido militante sindicalista, quem mais se salientou na discussão. De que tinham medo os seus colegas? Da luta de classe? Mas a C. G. T. não a criou: os seus estatutos apenas lhe atestam a existência, visando a C. G. T. precisamente o desaparecimento desse facto por meio da transformação social.

Os professores primários, servindo-se do direito sindical, que é uma conquista operária e não um presente dos legisladores, e unindo-se aos trabalhadores, poderão arrancar para vantagem comum a reforma escolar há tanto tempo reclamada em vão.

Ao lado dos trabalhadores manuais estão muito bem os professores primários, pretendendo a C. G. T. aproveitar na produção todos os concursos, desde o do maior engenheiro até ao do jornaleiro mais humilde.

Se a C. G. T. intervém na questão da guerra, será acasá tirar o pensamento dos professores primários o dizer que são contra a guerra e que a Confederação da Paz é uma decepção para os que, ao combater, supunham fazê-lo para acabar para sempre com a guerra e o militarismo? (Vivos aplausos).

Depois de mostrar a reacção política internacional da Entente, na Alemanha e na Rússia, Olay conclui:

«Que resta, pois? A expropriação, censurada do programa da C. G. T. Direis vós então que quereis abandonar a interesses privados as forças nacionais e a sindicatos de especuladores o que poderia levantar o nosso país? Vós não o direis.»

Em suma: as Amicales, depois de transformadas em sindicatos quase por unanimidade, aderiram à C. G. T. por 170 votos contra 43 desfavoráveis e 34 abstenções.

A "Casa dos Jornalistas"

Reunem-se hoje, pelas 22 horas, na redacção da *Manhã*, as comissões executiva e de propaganda da «Casa dos Jornalistas», a fim de serem feitas comunicações de ofertas e adesões e de se tratar da próxima festa a favor de tão bela iniciativa.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reñiu ontem esta comissão para tratar deste interminável assunto, visto a atitude do actual governo para com as classes trabalhadoras, procedendo deste modo parece que para gaudir da classe burguesa que toda se satisfaz com as continuas perseguições aos que do trabalho honesto vivem, e deixando impunes a enorme horda de assambarcadores de todos os géneros necessários à vida. E' tempo, pois, de se pôr um embargo a semelhante estado de coisas, que já de há muito se vem tornando insustentável.

Recebeu a mesma comissão vários expedientes, entre eles uma carta das camaradas presos no Limoeiro quando do assalto à sede da Juventude Sindicalista, na rua do Mirante, por ocasião da sessão de protesto contra a carestia da vida. Parece-nos ser tempo já de serem julgados, pois encontram-se presos há mais de 15 dias.

Recebeu-se também uma carta do camarada José da Silva, preso no Limoeiro há mais de 64 dias por andar a distribuir manifestos por ocasião da greve da União Fabril.

A comissão teve conhecimento da prisão dos camaradas Manuel da Costa, servente de pedreiro, de 18 anos, e José Vitor dos Santos, aprendiz de chapeleiro, de 16 anos, quando, no dia 5 do corrente, estavam assistindo ao desfile do cortejo no Rossio.

Também recebeu uma carta dos presos do Limoeiro por questões sociais, protestando pelo facto de até à data, ainda ali não ter aparecido o advogado do conselho jurídico, dr. Sobral de Campos a quem já esta comissão falara nesse sentido, devendo atribuir-se a sua não comparencia ao aturado trabalho que ultimamente tem tido. No entanto foi entregue a apresentação do caso ao comité do C. G. T.

Tomou conhecimento da forma como se desempenhou da sua missão, do que foi enviado à cadeia de Odeira para tratar do caso dos camaradas rurais ali detidos, à ordem dos lavradores e autoridades locais. Os camaradas dali ficaram muito bem impressionados com a presença do delegado desta comissão que fez a entrega de 8500 como auxílio aos referidos 16 presos e 5500 para a vivua do camarada José Nunes, falecido a bordo do *Zaire*, no regresso de África.

Foram recebidos dois telegramas enviados do Porto sobre presos por questões sociais tendo a comissão ido tratar do assunto junto do sr. director da polícia de segurança do estado.

Foi recebido da cooperativa «Aliança Operária», a quantia de 385 provenientes de uma *quête* ali tirada a favor dos presos por questões sociais.

Esta comissão encontra-se hoje na sede da C. G. T. às 21 horas, para onde pode ser enviada toda a correspondência.

Restituídos à liberdade

Foram ontem postos em liberdade, por volta das 23.30 as camaradas Guilherme Artibeiro e Diamantino Fernandes, que no domingo último haviam sido presos em consequência de lhes terem sido encontrados exemplares da *Bandeira Vermelha*.

TEATRO APOLO

Av. 21 1/2 horas. — Últimas representações da revista *LEI E CORRIDA*. Brevemente primeira representação da peça de viagens *O VINTE MILHOES*. Os bilhetes para a «première» encontram-se desde já à venda na bilheteira.

Os intelectuais na República dos Soviéticos

«Muito se tem falado das misérrimas condições de vida que os intelectuais devem, aos bolcheviques, diz Birukov. Eis o que me foi dado observar pessoalmente.

«Podem-se dividir os intelectuais em três categorias. A primeira compreende os mais activos, que tinham assumido o encargo de combater o bolchevismo. Este foi então implacável com eles. Os que puderam fazer fugiram para a Sibéria, Ucrânia e países Aliados, onde prosseguem na sua ardente campanha. A segunda categoria, a mais desgrazada, é constituída pelos que aguardam, de braços cruzados e boca fechada, a queda do regime. A terceira abraça os intelectuais que consentiram em colaborar na tarefa comum. Na sua maior parte, estão satisfeitos. Executam um trabalho útil, recebem um bom salário e vivem uma vida normal.

«São, aliás, muitas as pessoas que diariamente se passam para o novo regime. Poderia citar-vos muitos exemplos destas conversões. Encontrei em Moscova um ex-emigrado revolucionário que habitava longeamente em Genebra com a família. Este homem, honesto, inteligente, químico eminente, doutor *honoris causa* da Universidade de Losana, passava então por ser um feroz revolucionário. Mas, desde a revolução, tornara-se socialpatriota e adepto da guerra até ao último extremo. Confessou-me que viera à Rússia para combater o bolchevismo, mas quando reparou que o seu partido nada podia fazer, uniu-se ao governo. Está agora no Laboratório Central de Química, de Moscova, recebendo um salário muito elevado. Disse-me que o governo nunca recusava as somas pedidas para as obras que representam um verdadeiro interesse. Assim, concedeu recentemente três milhões de rublos para a tradução duma enciclopédia.

«Encontrei também uma senhora que pertencia, até há pouco tempo, ao Partido Socialista Revolucionário e era adversária encarnada dos bolcheviques. Agora trabalha em Moscova sob a direcção de Lénine e diz estar satisfeita com a sua posição. Recebeu o encargo de instituir bibliotecas populares.

NA ALEMANHA

A agitação espartaquista — O orçamento do exército

Durante os debates sobre o orçamento do ministério das finanças, na assembleia nacional prussiana, o presidente do conselho Hirsch referiu-se aos maneios espartaquistas, que foram denunciados por uns documentos apreendidos a um comunista no momento em que tentava passar a fronteira. Lei uma circular espartaquista, a qual aconselha a aprender a maneira de passar a fronteira sem se ser surpreendido. Ocupou-se em seguida da questão da Turingia, mostrando o partido do Estado alemão unificado. Declarou repelir toda ou qualquer ideia tendente a crear um grande Estado da Turingia, à custa do desmembramento.

— Durante a discussão do orçamento, na assembleia nacional, o deputado católico Stühner declarou serem desnecessários 1.000 milhões mensais pedidos para a manutenção do exército; parece exagerada tal cifra, pois o efectivo não excede 400.000 homens.

Os bolcheviques e tolstoianos

A propósito da tolerância que o governo dos Soviéticos tem para com todas as crenças religiosas, Birukov, que é um fervente tolstoiano, conta: «O governo bolchevique monopolizou a imprensa para difundir as suas ideias. E manda imprimir inúmeros opúsculos de propaganda, profundamente distribuídos. Mas o povo, que não acha gósto algum nesta espécie de escritos, pede as obras de Tolstói. Os bolcheviques aceitam as críticas dos tolstoianos. Daí resulta que a situação dos filhos espirituais de Tolstói é hoje melhor do que no tempo do tsar. Lunacharski, o joven e inteligente comissário da Instrução, por acordo com Cherkov, o amigo de Tolstói, concedeu quinze milhões de rublos ao «fundo tolstoiano». Esta instituição tem o fim de defender o mais largamente possível as obras de Tolstói e dos tolstoianos. E' uma espécie de nacionalização de todos os escritos de Tolstói, feita sob a direcção do seu primeiro discípulo. Cherkov, homem muito autoritário, quis poder dispor livremente dos fundos e Lunacharski anuiu a todas as suas exigências.»

Um balanço impressionante

E' o da chamada 2.ª Internacional, feito por Boris Savarine no *Journal du Peuple*, de Paris:

«A Segunda Internacional amarela e traidora não quer morrer. Dedica-se a furar o movimento operário revolucionário. Por toda a parte é manifesto o seu papel de auxiliar da burguesia. Na Rússia, os seus aderentes apelaram para a reacção estrangeira a fim de esmagar a revolução comunista. Na Polónia, os patriotas sociais sustentam a oligarquia reacçãoária que empreende a conquista da Lituânia e da Rússia branca. Na Alemanha, afogaram o movimento revolucionário no sangue generoso dos espartaquistas. Na Hungria, tramaram com o militarismo aliado o estrangulamento da República dos Soviéticos. Na Boémia, estão no poder, soldados que se ilustraram como carrascos da Rússia oriental e da Sibéria. Na Sérvia, pactuam com o poder infame dos Karageorgevitch, que encarceram aos milhares os internacionalistas. Na Suécia, acharam em Branting o mais eloquente advogado da intervenção armada na Rússia. Na Suíça, apoiaram a repressão da greve geral. Na Itália, combatem o Partido socialista e apoiam o imperialismo. Na Bélgica, sancionam a paz de Versalhes. Na Inglaterra, esforçam-se por paralisar o movimento grevista. Que impressionante balanço!

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Serradores. — A direcção desta classe lembra a todos os mestres e encarregados de obras de construção civil e naval que, quando necessitem de serradores, os devem requisitar a esta associação, com sede na travessa do Oleiro 15, onde serão atendidos todos os dias, das 20 às 22. Com especialidade aos mestres de estaleiros de construção naval, lembramos que não tem necessidade de pagar horas suplementares a dobrar aos serradores quando podem ser servidos pelo horário e jornal estipulados, a não ser em caso de força maior, como quando para safar um concerto na baía mar. A direcção lembra ainda a todos os sócios que está na disposição de cumprir à risca as últimas resoluções da assembleia geral, esperando unicamente os trabalhos dos 10 fiscais para o efeito nomeados.

Manipuladores de pão. — A direcção tomou conhecimento de um documento em papel selado dirigido ao presidente da câmara dos deputados, documento que está sendo distribuído por algumas padarias, sendo deliberado investigar-se a proveniência desse documento, pois que a classe não conhece o seu autor.

Operários ferradores. — Encontram-se reunidos em sessão permanente, tendo recebido dos industriais um ofício propondo 30 0/0 de aumento. A classe está resolvida a não aceitar, conservando a mesma posição, noticiando quando se fizerem as suas reclamações.

Serventes de pedreiro e estuacão. — Terminando a primeira inscrição dos operários despedidos das obras dependentes do ministério do trabalho, fica o mesmo pessoal prevenido de que este sindicato noticiará quando se proceder à segunda.

Sindicato Único da Construção Civil de Almada. — Tendo vindo a este sindicato procurar profissionais sem trabalho, convidam-se 2 camaradas pedreiros e 1 pintor nestas condições a procurar o 1.º secretário Zacarias Pinho.

A direcção deste sindicato, autorizada, por assembleia geral, publicou um manifesto, onde declara reconhecer a *Batalha*, como órgão da organização operária, na imprensa, manifesto esse que provocou entre as hostes socialistas localidade certa agitação. Assim, procuram responder-nos em uma local do *Combate*, à qual responderemos, quando os ataques sindicais não nos permitam.

Sindicato Único Metalúrgico. — O Conselho Técnico e de Melhoramentos, na sua reunião de anteontem, protestou contra a forma subreptícia como os jovens sindicalistas foram enviados ao tribunal assim como também contra o aparato mavorístico exibido nessa ocasião, como se se tratasse de uma horda de malfetores.

Mais acentuou o seu protesto pela continuação no Limoeiro, dos operários metalúrgicos e mais classes, pelo simples motivo de terem assistido a uma sessão de protesto contra a carestia da vida e verberar o procedimento dos governantes que deixam à solta os ladrões venenosos do povo. Nomeou os delegados que devem assistir durante a próxima semana, a partir de segunda-feira, às reuniões das especialidades da classe, consoante o aviso que vai ser distribuído e bem assim os que tomaram parte na sessão do próximo domingo, 4, realiza na Trafaria para a constituição da 5.ª seção do sindicato.

Nomeou dois delegados para se agredirem na sede afim de que no mais curto espaço de tempo possam funcionar as aulas e biblioteca para o que já se está tratando da instalação da luz eléctrica.

Delibrou também auxiliar no que for preciso para o bom funcionamento da Juventude Sindicalista da Indústria Metalúrgica que acaba de se constituir, pois que vê a necessidade de tal organismo de no futuro corresponder à verdadeira acção sindical, pois que se torna preciso que se preparem os jovens técnicos e profissionalmente, para que sejam no futuro, os militantes ponderados e habilitados, para tomarem conta da produção.

No final da reunião o Conselho fez votos para que os sindicatos não falem às reuniões a que são chamados por especialidades pois que nelas há assuntos importantíssimos a tratar.

Federação Nacional da Construção Civil. — Reñiu ontem a comissão administrativa, sendo dado despacho a vários expedientes, baixando outro à próxima reunião do Conselho Federal, que deverá reunir na sexta-feira, 10 do corrente.

Foi resolvido que de futuro as carceragens sejam pagas directamente pela Federação no local da prisão, para evitar demoras, ou equívocos, que, na maior parte das vezes, iam prejudicar os federados.

Foi apreciado um ofício da Associação de Portimão, verberando a atitude da Federação para com o seu delegado ao Congresso Nacional da Indústria realizado em Coimbra, sendo resolvido dar conhecimento ao Conselho Federal.

Já foram remetidas circulares e os novos Estatutos Federais a todos os Sindicatos Federados, juntamente com os regulamentos da Bolsa e Caixa de Solidariedade e da Organização Sindical do Trabalho.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários de Lisboa. — Reñe hoje a assembleia de delegados, para leitura do relatório dos delegados, ao II Congresso Operário Nacional; dada a importância que tem o assunto para a futura vida desta União, torna-se necessária a presença de todos os delegados.

Federação da Construção Civil — Comissão Inter-Sindical. — Reñe hoje a assembleia de delegado, pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Conselho Técnico. — Reñe hoje, às 21 horas, a comissão administrativa, para tratar de assuntos de urgência.

Seção da Construção Civil de Palma de Cima. — Realiza no próximo domingo, pelas 14 horas, uma sessão solene, a fim de festejar o seu aniversário e a inauguração de um gabinete de leitura, assim como a abertura das aulas diurnas e nocturnas do novo ano escolar. Convidam-se todas as colectividades a representarem-se nesta festividade, mas muito significativa.

FALECIMENTOS

Manuel Afonso Bastos, às 15, da calçada da Estrella 20; D. Maria Estrella de Sousa, às 11, da rua 24 de julho 52; marino João

Pecanha de Albuquerque; 10. Felício José
 da Rua Rodrigues da Fonseca 3; Antônio
 Constantino Nunes, às 16, da Igreja de S.
 José; Martinho Carlos, às 16, da Calçada
 da Ajuda 235; Amandio Cunha Paulo, às 10,
 da rua dos Correios 91; Alberto Nunes de
 Moura, às 14, da rua de Santa Maria 29;
 Candido Augusto de Matos, às 11, da rua
 da Cidade da Horta 5; D. Maria do Espí-
 rito Santo Fernandes, às 12, da rua da In-
 dústria 82; João Fernandes, às 14, da rua
 de Almeida 17; D. Ana Fernandes, às
 14, da travessa do Pé de Ferro 30; Jo-
 ão Fernandes, às 16, da Calçada da Boa Vi-
 ra 75.

FUNERAIS

Após doloroso sofrimento faleceu ontem realizando-se hoje o seu funeral, a ilustre professora e funcionária da Câmara Municipal de Lisboa, D. Angelica de Araujo Santos, esposa do empregado da mesma Câmara, sr. Artur Santos.

O enterro da extinta que era muito estimada por todas as pessoas que com ela conviviam devido ás suas belas qualidades de caracter e de intelligencia, sae do Hospital de S. José ás 14 horas para o cemitério do Limiar.

OBITUÁRIO

Cadáveres inumados nos dias 4 e 5 de Outubro, nos cemitérios do Alto de S. João e Prazeres:

Emilia Adelaide dos Santos Cisneiros, 7
a., Izabel Maria Valente, 75 a.; Joaquim
Ramos Simões, 60 a.; Adelaide Maria da
Conceição, 50 a.
Carolina Augusta da Costa Flambó, 28
m.; Sabina Alice Pires da Silva, 27 a.
Francisco Pedro da Cunha Pessoa, 31 1/2 a.
Maria da Glória Taveira Pires da Glória

AGRADECIMENTO

António Pereira e sua família, agradece reconhecidamente a todos os camaradas e amigos que acompanharam sua querida mãe na Rosa Cadima, à sua última morada. (62)

Entradas em 8
Vapor belga «Ment Saint», de Bordess
vapor holandez «Mercurius», da Madeir
vapor inglez «Deseado», de Buenos Aires
vapor inglez «Britisk Ensign», de Randow

Saidas
Vapor inglez "Deseado", para Liverpool
Vapor inglez British Ensign, para Thame
Howon; vapor holandez Mercurius, para
Amsterdam.

Os que roubam fora da lei

Pereira, estrada de Sete Rios, 213, de quem saiu uma mulher de nome Isaura, lhe furto um relógio de 42800; Antônio Rafael, Campo de Sant'Anna, 68, loja, de quem lhe furaram a quantia de 108800, e Manuel de Figueiredo, de quem arrombaram a porta da sua separatória na rua do Conde, 40, não chegando a saltante a praticar qualquer furto por ter sido preso.

Tentativa de suicídio

Para a enfermaria 7 do hospital de S. José, entrou Jaime Leandro, de 27 anos, residente na vila Antunes, C, ao Arco do Cego, que tentou suicidar-se.

Desastres

Na enfermaria 3 do hospital de S. José, deu entrada Antônio Ricardo Travassos, 42 anos, residente na estrada das Laranjeiras, nº 10, bairro da Brasileira, 3, que caiu numa obra na rua Moraes Soares, ficando ferido no joelho direito e contuso pelo corpo.

—No Banco do mesmo hospital foi pensado, seguindo depois para casa, Serafin

Correia de Almeida, de 39 anos, 1.º cab. n.º 47 da 2.ª companhia da Escola de Tiro em Mafra, que ali caiu de uma carroça, fracturando a perna direita. Recusou ser hospitalizado.

♦♦♦

:: DESPORTOS ::

Comité Olímpico Português

Está definitivamente assente a partida para a Irlanda duma comissão de oficiais composta pelos capitães Júlio de Oliveira e António de Almeida, e o primeiro membro do Comité Olímpico Português, Armando de Mesquita e Inácio Pereira de Sousa, que vai adquirir os cavalos necessa-

TEATROS & CINEMAS

A interessante peça *O Encontro* volta hoje a repetir-se no Nacional, para dar ensejo à "reprise", em récita única, a 13 de corrente, da popular peça *Amor de Perdição*, em que Érico Braga desempenha pela primeira vez, a parte de *Simão Botelho*.

Réclames

— Mais dois esplêndidos espectáculos he-
je, no Eden, repletos de atracções. Consta-
da revista *Aqui del-rei*, com várias surpre-
sas e novidades, e da alegre opereta
Castá Suzana, em que Cremilda de Olive-
ra é graciosíssima.

—A *Paz Armada*, a interessante revista que tantos aplausos conquistou no Trindade, continua sendo muito aplaudida no Avonida.

—O ponto de reunião de tudo quanto de mais distinto se encontra em Lisboa, é esta noite no Ginásio, onde se realiza a inauguração das réctas da moda dedicadas à sociedade elegante.

—A crítica espirituosa aos acontecimentos

—O inimitável ilusionista Wetrik, que todas as noites exhibe no Coliseu dos Recreios os seus mais extraordinários e assombrosos trabalhos, tem feito um sucesso sem precedentes e levado àquela casa de espetáculos uma assistência numerosíssima.

N.º 223 de A BATALHA Folhetim N.º 28

O CALVÁRIO

POR

OCTAVE MIRANDA

V

Nada faltava, nada absolutamente, nem mesmo sobre a mesa de trabalho, uma rosa cuja haste mergulhava em uma jarra esguia de cristal... Juliette, radiante, triunfal, não cessava de me dizer:

— Repara, repara bem, em como a tua mulherzinha tem trabalhado! E, inclinando a cabeça sobre o meu ombro, com os olhos enternecidos, com a voz sinceramente comovida, murmurava:

— Oh! Meu Jean adorado, estamos em nossa casa, agora, entendes bem?... Como vamos ser felizes, no nosso lindo ninho!...

No dia imediato Juliette disse-me: — Há muito tempo que não vais a casa de Lirat?... Não quero que ele suponha que sou eu que te impeço de ir ver.

Era verdade! Há mais de cinco meses, tinha esquecido o pobre Lirat!... Esquecido?... Não... A vergonha é que me detinha... Só a vergonha me afastava dele... Eu teria, afirmo-o, gritado ao mundo inteiro: «Sou o amante de Juliette!» Mas pronunciar este nome diante de Lirat, a isso não me atrevia... Primeiro, tinha pensado em confiar-lhe tudo, mas receando que isso compromettesse a nossa amizade, reconderei: «Veremos; amanhã irei a casa de Lirat...» Assentei mesmo nessa resolução... E no dia seguinte: «Não, ainda não... Não é pressa... Amanhã, sempre amanhã... E os dias, as semanas, os meses decorriam... Amanhã!...

Agora que ele estava ao corrente de tudo por Malterre, que, antes de partir, tinha voltado a fazer gemer o diário, como abordec-lo?... Que dizer-lhe?... Como suportar o seu olhar, o seu desprazo, a sua cólera?... A sua cólera, ainda vá!... Mas o seu desprazo, os seus terribes silêncios, o sarcasmo desconcertador que em via já brincar-lhe ao canto dos lábios?... Não, na verdade, eu não me atrevia... Enterneci-lo, pegá-lo nas mãos, pedir-lhe perdão da minha falta de confiança, fazer apelo a todas as generosidades do seu coração!... Não! Representaria mal esse papel, e depois, com uma só palavra, Lirat gelar-me ia, suspenderia essa fusão de amizade... Em cada dia que se passava, mais nos afastávamos... Alguns meses mais, e Lirat desapareceria da minha vida!...

Preferiria isso a transpôr a sua porta, a afrontar os seus olhares... Respondi a Juliette: — Lirat?... Sim, sim... Conto lá ir em um destes dias!...

— Não, não! insistiu Juliette—Há de ser hoje... Tu conheces-lo, sabes como ele é malicioso... Ah! E' capaz de fazer um barulho extraordinário a nosso respeito.

Eu preciso decidir-me. Da rua Balzac à villa Rodrigues, o trajeto é curto. A fim de retardar o momento desta entrevista dolorosa, dei uma grande volta, admirando as exposições dos estabelecimentos do faubourg Saint-Honoré. E pensava: «Se eu não fosse a casa de Lirat!... Diria que o tinha visto e que nos zangamos; inventaria uma história, que me salvaria para sempre daquela visita». Tive vergonha desta ideia de garoto... Então, tive esperanças em que Lirat não estivesse em casa!... Com que alegria eu lhe meteria um cartão pelo buraco da fechadura!... Reconfortado por esta ideia, dirigi-me à villa Rodrigues, parando em frente da porta do atelier... E aquela porta parecia-me espantosa. Não obstante, bati, e logo, de dentro, uma voz, a voz de Lirat, respondeu:

— Entre!

O meu coração batia; uma barra de fogo atravessava-me a garganta... Quis fugir.

— Entre! repetiu a voz.

Abri o fecho:

— Ah! És tu, Mintiê! exclamou Lirat. — Entra!

Lirat, sentado à mesa, escrevia uma carta.

— Dás licença de que eu acabo? — disse-me ele. — Em dois minutos ter-me-ás ao teu dispor.

Continuou a escrever. Isto garantiu-me um pouco de não sentir sobre mim o frio do seu olhar. Aproveitei-me de estar de costas voltadas, para falar, aliando-me mais depressa do peso que me oprimia a alma.

— Há quanto tempo te não vejo meu bom Lirat!

— É verdade meu caro Mintiê.

— Ah!

— Moro na rua Balzac.

— Bom-siti!

Eu asfixiava... Fiz um esforço supremo, reíni todas as minhas forças... mas, por uma extranha aberração, entendi dever tomar um ar despreocupado... Palavra de honra! Cheguei a agradecer.

— Vou dar-te uma novidade, que te há de divertir... Ah! Ah!... Há de divertir-te, estou certo... Vivo... com Juliette... Ah! Ah! Com Juliette Roux... Juliette, enfim... Ah! Ah!... — Os meus parabéns!...

«Os meus parabéns!» Ele tinha pronunciado: «Os meus parabéns!» com uma voz perfeitamente calma e indifferente! Nem um esgar, nem uma cólera, nem uma comoção!...

«Os meus parabéns!» Como teria dito: «Que tenho eu com isso?»... E o seu dorso curvado sobre a mesa, estava imóvel sem um sobresalto, sem um tremor!...

mor!... A pena não lhe caíra das mãos; continuava a escrever!... O que eu lhe havia acabado de dizer, já ele o sabia há muito tempo... Mas ouvi-lo da minha boca! Confesso que estava estupefacto!... Lirat levantou-se, esfregando as mãos:

— Então, que há de novo — disse-me.

— Não pude mais. Precipitei-me para ele, com as lágrimas nos olhos.

— Escuta-me — gritava eu, soluçando. — Lirat, por favor, escuta-me... Procede mal para comigo... bem o sei, e pago-te perdão... Deveria ter-te dito tudo... Não me atrevi... Causavas-me medo... E depois, lembres-te de Juliette, aqui, e do que me disseste dela?...

— Lembra-te?... Foi isso que me impediu... Compreendes?

— Mas meu caro Mintiê, interrompeu Lirat — eu, nada tenho a ver com isso... Não sou teu pai, nem teu confessor... Tu fazes o que te agrada; isso não é comigo...

— Eu exaltava-me: — Não és meu pai, é verdade... mas és meu amigo, o meu único amigo, e devia-te mais confiança... Perdoa-me!... Sim, vivo com Juliette! Amo-a, e ela ama-me!... E, então, um crime procurou um pouco de felicidade?... Juliette não é a mulher que tu julgas...

— Tem sido odiosamente caluniada... E' boa e honesta... Oh! Não sorrias... Sim, honesta... Tem ingenuidades de criança, que te enterneceriam, Lirat... Não a estimas, porque a não conheces!... Se tu soubesses toda a genti-

lesas, todos os cuidados de mulher dedicada, que ela tem por mim!... Juliette quer que eu trabalhe... Orgulha-se com o que eu possa produzir de bom... Foi ela que me forçou a vir aqui... Eu tinha vergonha, não me atrevia... Foi ela!... Sim, Lirat, tem piedade dela... Estima-a um pouco, suplico-te!

Lirat havia tomado um aspecto grave. Poz a mão sobre o meu ombro, e olhando-me com tristeza:

— Pobre rapaz! — disse-me ele, com voz comovida. — Para que me dizes tu isso?

— Porque é verdade, meu caro Lirat!... Porque te estimo e quero continuar a ser teu amigo... Prova-me que és ainda meu amigo!... Vem jantar, hoje, em nossa casa, como dantes na minha! Oh! Peço-te, vem!

— Não! — fez ele.

E aquele não era inabalável, definitivo, breve como um tiro de pistola.

Lirat acrescentou:

— Vem tu, muitas vezes!... E quando tiveres vontade de chorar... já sabes... o divan está ali... Ele já conhece bem as lágrimas dos pobres diabos.

Quando a porta se fechou, pareci-me que qualquer coisa, enorme e pesada, se fechava com ela sobre o meu passado; pareci-me que muralhas mais altas do que o céu e mais profundas do que a noite me separavam, para sempre, da minha vida honesta, dos meus

sonhos de artista. E senti dilacerar todo o meu ser...

Durante um momento, fiquei ali, olhando, com os braços pendentes, os olhos desmesuradamente abertos sobre aquela porta fatídica, a da qual uma coisa terminara, acabara de morrer.

VI

Juliette não tardou a enfiar-se no leito aposto, onde ela tinha produzido a si própria viver tranqüilla e feliz. Arrumados os armários, terminada a ornamentação, não sabia que fazer aborrecia-se. Os bordados irritavam-na, a leitura não a distraía. Andava num compartimento para o outro, a saber em que ocupar as mãos e o corpo, bocejando, espreguiçando-se, fugiava-se no quarto de toilette, e passava longas horas a vestir-se, a saiar nos panteados de frente da banheira, o que a divertia um instante a catar Spy a fazer-lhe laços comidos com as fitas dos chapéus de lhos.

A direcção da casa podia occupar essas horas vagas, mas em breve parou, com bastante pesar, que Juliette não era a dona de casa que ela se baya de ser.

(Continua)

PAPELARIA

Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ES-CRITORIO

SIFILIS

Quando descoberto de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da, im-pureza do sangue. Contém de posposta se tomou curado. Tratado de todas as doenças por meio de ervas. Paulo, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, ras-do-chão, digito, à Estrela.

em TOMAR vende-se na oficina de alfaiate e ser-vidor de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

Para Leixões
Sairá o vapor ZAIRE em 10 do corrente, recebendo carga e passageiros.
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
Rua do Comércio, 85

A BATALHA encontra-se à venda em todas as tabacarias.

Quereis fazer economias?

COMPRA NA Louçaria do Pôço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brinde. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a província — ilhas e colónias —

Largo do Pôço Novo, 22 — Lisboa (junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

Calçado Barato
Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

“A Batalha”

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A venda na administração de A Batalha.

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
Lisboa 476

Boa ocasião de comprar barato

Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 22

é que todos devem comprar o seu calçado com economia e bom acabamento

SEMPRE SALDOS!

Sortimento de calçado para homem, senhora e criança

DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLAMÃO

Armazém e escriptorio: Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A.

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.ª Sucursal: Rua do Arco do Marques de Alegrete, 66, 68.

FABRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (32)

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA.

TUBO de chumbo novo para

Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4"

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

A Rússia Nova

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da «Constituição actual da Rússia». — Estudo de um novo regime social. — Os Soviets e a sua obra. — Abolição da propriedade privada e reforma agrária. — Os serviços de instrução na Rússia. — Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Oulianof (Lénine), de Lunatcharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

Preço \$10 centavos

A venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

OURO!!!

Mais barato e não se paga feito — Só milagre!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Onda das Galoias

TELEFONE 3676

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 Novembro de 1894

AVISO AO PUBLICO

Apedreio de Pinheiro de Lafões

Segundo comunicação dos Caminhos de Ferro do Valle do Vouga a partir do 4.º de Outubro de 1919, é elevada a categoria de Apedreio, a Juragem de Pinheiro de Lafões, ficando habilitada a todo o serviço de passageiros, bagagens, grande e pequena velocidade.

As distancias quilometricas de applicação as que constam do quadro de distancias quilometricas d'aqueles Caminhos de Ferro, em vigor desde 1.º de Abril de 1919 Director Geral da Companhia, Ferraz de Mesquita.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Geraes:

Ribeiro Macedo & Borges, S.ª

67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Geraes:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixote de 3 caixinhas (25 grozas):

Fósforos de eufóre 36\$00 ou \$01 caixinha; ditos Amoris, 72\$00 ou ditos de Cera Comum, 72\$00 ou ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10/100, seja qual for o número de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora na execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA

Banco Português e Brasileiro

SEDE

Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL: Esc. 10.000.000\$00

RESERVAS: Esc. 7.905.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as principais praças do mundo

Operações bancárias de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

Companhia Nacional de Navegação

AFRICA OCIDENTAL

Primeiros vapores a sair:

Dia 10 — «Mossamedes», directo para S. Thomé.

Dia 22 — «Zaire», para Madeira, S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Culo, Egito, B. Velha, Ambriz, Quinzau, Quissanga, Benta, Noguê, Matadi, Landana, Nucleia e Musseria, com transbordo em Loanda) N. Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos dirigir-se à Companhia Nacional de Navegação, rua do Comércio, 85, No Porto, Sucursal da Companhia, rua Nova da Alfândega, 76 1.º.

Biblioteca de A BATALHA

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Valé — Jesus na guerra.....	\$50	Krapotkine : Os bastidores da guerra.....	\$03	Telstol : A próxima revolução.....	\$30
Albert — O amor livre.....	\$50	A conquista do pão.....	\$03	A escravidão moderna.....	\$30
Alfredo N. Dias — A Razão (poemeta social).....	\$05	Palavras dum revoltado.....	\$50	Pão patá a boca.....	\$20
Berthelot — Evangelho da Hora.....	\$05	A grande revolução (2 vol.).....	\$100	Alcero.....	\$30
Carvalho — Nem Deus nem Diabo.....	\$30	Em volta duma vida.....	\$105	Varennos — O terrorismo em França.....	\$70
Claro — Oração da fome.....	\$18	A anarquia — Sua filosofia, seu ideal.....	\$20	Zola: A taberna (3 v.).....	\$120
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).....	\$100	Landauer — A Social Democracia na Alemanha.....	\$02	A obra (2 v.).....	\$80
Delajsi — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	\$05	Leone — O sindicalismo.....	\$02	A terra (2 v.).....	\$80
Delassalle — A Confederação do Trabalho.....	\$03	Liberias — O rei e o anarquista.....	\$03	A alegria de viver (2 v.).....	\$80
E. Silva — Teatro livre e arte social.....	\$05	Lima (Adolfo): Educação e ensino.....	\$40	Lourdes.....	\$105
Etievant — A minha defesa	\$05	O movimento operário em Portugal.....	\$20	A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.....	\$30
Gorki: Os vagabundos.....	\$40	Maifesta: Em tempo de eleições Entre camponeses.....	\$02	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto.....	\$50
Os degenerados.....	\$50	A política parlamentar no movimento socialista.....	\$02	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas.....	\$100
Scenas de família.....	\$05	Marx — O capital.....	\$50	FOTOGRAVIAS (em papel coucho), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paepe, Proudhon, Reclus, Siedemann, Stepiak, cada.....	\$02
A mãe.....	\$30	Molinari — Problemas sociais.....	\$25	O ZE (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)	\$02
A angústia.....	\$30	Nordau: A mentira religiosa.....	\$20		
Na prisão.....	\$40	As mentiras convencionais da nossa civilização (2 vol.).....	\$50		
Os ex-homens.....	\$30	Prat e Briand — Sindicalismo e greve geral.....	\$25		
		Ribeiro — O sentido de viver (versos).....	\$40		
		Roland — A Rússia Nova.....	\$10		
		Salgado — Mentiras religiosas.....	\$45		

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º
LISBOA-PORTUGAL